

30/06/2007 // Bruna Surfistinha e o caos aéreo - um artigo de quem vos fala



Cuidado, Bruna Surfistinha!

Só falta responsabilizarem a Bruna Surfistinha pelo caos nos aeroportos brasileiros. Desde o final do ano passado já jogaram a culpa nos Centros Integrados de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo (Cindactas), na desobediência dos controladores do tráfego aéreo, na precariedade dos equipamentos dos Cindactas, nas zonas de sombra e de luz do espaço aéreo nacional, nas pistas de pouso puídas de aeroportos puídos - embora a cobrança de taxas nunca se desgaste -, na falta de colaboração da natureza por persistir com chuvas e nevoeiros em lugares onde nevoeiros e chuvas são comuns, na prosperidade da economia brasileira cujo resultado é o crescimento do poder aquisitivo e o inevitável desejo da classe trabalhadora de realizar o sonho de viajar de avião, na má vontade dos passageiros por não relaxarem e muito menos gozarem durante as horas de espera e, desde a semana passada, nas “lideranças negativas” do Cindacta-1. Talvez ainda corresse perigo o Vavá, irmão do presidente da República, e o senador Renan Calheiros. No entanto, Vavá é inimputável e Calheiros é e sempre será inocente, mesmo ele provando o contrário. Portanto, sobra apenas para Bruna Surfistinha. E há fortes indícios para tanto.

Elaborada em março deste ano, a questão 59 do concurso público para técnico em regulação de aviação civil da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) versava sobre quem? Ela, Bruna Surfistinha. A pergunta, na parte de Conhecimentos Específicos da prova, era a seguinte: A garota de programa Bruna Surfistinha tornou-se um dos maiores sucessos do mercado literário brasileiro, em 2005, com o livro: a) “A pessoa é para o que nasce”; b) “O doce veneno do escorpião”; c) “O céu de Suely”; d) “No quarto de um motel”; e) “Madame Satã” (Ainda dá para responder no endereço http://www.nce.ufrj.br/concursos/anac/Provas_Gabaritos/tecnico/Atendimento%20-%20TATE.pdf). Bruna Surfistinha ficou fula. Pudera. Primeiro pela grosseria do termo garota de programa. Consultora especializada em assuntos supra-

espirituais seria mais apropriado e elegante. Segundo, por sua obra literária fazer parte da seleção para técnico e não para diretor, vice-presidente ou quem sabe presidente da ANAC. Desaforo!, pensou a escritora. Por certo rogou uma maldição. E praga de mulher despeitada, ensina a vida, é implacável. E foi mesmo.

A partir daí o caos instalou-se. Greves de controladores e operações bicho-preguiça entupiram de passageiros os aeroportos do país. Chuvas e neblinas ternas como abraço de urso castigaram as cidades-base da aviação brasileira. Empresas aéreas se confundiram e venderam passagens a mais e colocaram aeronaves de menos. Diretores e diretoras da ANAC e da Empresa Brasileira de Infra-estrutura Aeroportuária (Infraero) – responsáveis pelo zelo dos aeroportos e dos interesses dos usuários e consumidores – foram vistos em festas e baladas com portentosos charutos numa mão e reluzentes copos com uísque ou champanhe (ou os dois) na outra, enquanto milhares de pessoas perambulavam, discutiam, brigavam, rolavam e se amontoavam pelos saguões dos aeroportos. Chegou a ponto da ministra do Turismo, Marta Suplicy, apelar para dicas nada convencionais em situações como essas. “Relaxem e gozem”, sugeriu a funcionária do Estado. Como se vê, a coisa virou uma zona. Por isso Bruna Surfistinha corre perigo. Afinal, diz a sabedoria popular, quem faz a fama deita na cama. Ou no saguão.

1 Comentários para este tópico

04/07/2007 // eu

lalala - PR

dfjlaskjf Iksafjalsk

- Comentar este tópico

30/06/2007 // As Casanews de saia



Um certo amigo

Do Blog do Mino

Meu velho amigo francês, Jean Paul Lagarride, liga de Paris. “Que tal este caso Renan?”. Digo: “Sei não, desfecho muito incerto, agora o presidente Lula deu para defendê-lo, em nome da governabilidade, como se a ética...”. Interrompe. “Não liguei para falar de ética e sim de jornalistas sedutoras”. Caio das nuvens: “Como assim?” “Estou levantando casos de amor entre figuras públicas e estas Casanova de saias”. “E são muitos, os casos?” “Frequêntes como as balas perdidas aí na terra brasílis”. “Não diga...” “Já disse, e veja só, um diretor do FMI, o espanhol Rodrigo Rato, que já foi até ministro da Fazenda, liderança do Partido Popular, largou tudo para ficar com Alicia Gonzáles, jornalista da CNN”. “Mas aí o homem demitiu-se em nome da ética”. “De certa forma sim, o dinheiro não entra na parada, demite-se porque o namoro começou quando era ainda ministro e casado”. “E hoje não é mais?” “Não, não, separou-se logo”. “Não dá para comparar com o Renan”. “Sim, outra têmpera de cavalheiro romântico, com sua Alice passou no Rio o reveillon de 2004”. “Belo enredo”. “Pois é, mas há outros. Por exemplo, Letícia Ortiz, apresentadora do telejornal espanhol, virou princesa ao se casar com Felipe de Bourbon, futuro rei da Espanha”. “Aqui poderia ter acontecido o mesmo com uma jornalista da Globo”. “É mesmo?” “É mesmo, quase virou princesa dos sociólogos”. “Ah, sim, ela andou por Lisboa e Barcelona, a família Marinho foi muito generosa”. “Conte mais”. “Temos o caso de Valerie Trierweller, enviada especial de Paris Match: ela está por trás da separação de François Hollande de Segolene Royal, ela e Hollande se conheceram à beira de uma série de entrevistas, ele ficou siderado”. “Vamos a outra”. “Apresentadora da Cnbc, Maria Bartiromo tirou Todd Thompson do sério e do seu cargo de segundo homem do Citigroup, ele a levava a passear no jato da companhia”. “Bastou isso para ser demitido?” “Bastou”. “Aqui o senador Heráclito Fortes anda no jato de Daniel Dantas”.

“Interessante. Homossexuais?” “Acho que não, mas, hoje em dia...” “In dubio pro reo”.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

30/06/2007 // Ueba! Campanha 'Come Eu, Renan!'



JOSÉ SIMÃO

30/06/2007 02:18

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta!

Socuerro! Peguei a tosse Renan: é chata e não vai embora!

E o comunicado de piloto de vôo internacional: 'Senhores passageiros, estamos deixando o espaço aéreo brasileiro, em instantes faremos um OLA pra comemorar'. OOOOLA! Tamo a salvo! Rarárá!

E todo carro tem o Renavam: Registo Nacional de Veículos Automotores. Mas o Calheiros inventou o RENANVAM: Registro Nacional de Vacas Milionárias!

E eu sei por que a Selecinha perdeu! Porque insistia em jogos aéreos. E no

Brasil nada voa! Pior, acho que o Galvão tá ficando surdo. O técnico mexicano gritava: 'Juga por la quina!'. E o Galvão entendia: joga como a Argentina!
Rarará!

E avisa pro frangeiro que o melhor goleiro ainda é a cueca: segura duas bolas e um atacante! Rarará!

E as brasileiras continuam com a campanha 'Come Eu, Renan!'.

E a Mônica do Renan na 'Playboy'? PLAYBOI! Os Irmãos Bacalhau revelam a capa da Playboy! Com chamadas bombásticas: 'O Renan era um touro e me deixava de quatro'. 'Eu era só mais uma no seu rebanho.'

E já imaginou a Mônica pelada em cima dum touro mecânico? Como disse um amigo meu: 'Ela é tão gostosa que eu começava a chupar pelo touro'. Rarará.

E a nova dupla sertaneja Renan Vacalheiros e Joaquim Bezerrarroriz! Um é de corte e outro é de leite! Taí a reforma política, cada Estado elege dois senadores: um de corte e outro de leite! Rarará.

É mole? É mole, mas sobe. Ou, como diz aquele outro: é mole, mas chacoalha pra ver o que acontece!

Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha 'Morte ao Tucanês'.

Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês.

É que em Poções, Bahia, tem um açougue chamado Casa de Carnes RENAN VACA GORDA! Eu tenho a foto. Esse cara não é um açougueiro, é um profeta!

O Brasil é mesmo o país da piada pronta. Mais direto, impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

E atenção! Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante.

'Omossexual': companheiro que gosta de transar com caixa de sabão em pó.
Rarará. Essa é do blog Leontut.

O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje, só amanhã.
Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

29/06/2007 // Renan, Roriz e Quintanilha, um trio de responsa, mano



o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

29/06/2007 // Palmas pro juiz



Lição de tolerância

Juiz recomenda bom humor contra ironias de Mainardi

por Maria Fernanda Erdelyi - Do Consultor Jurídico

O colunista Diogo Mainardi se livrou de mais uma na Justiça. Alvo de ação civil pública, foi absolvido da acusação de preconceito contra o povo de Sergipe e de Cuiabá. O Ministério Público Federal em Sergipe pedia a condenação do jornalista, com base em escritos de Mainardi publicados em 2005 na coluna que assina na revista *Veja* e em afirmações feitas no programa *Manhattan Connection*, do canal de TV por assinatura GNT.

O juiz Ricardo Mandarino, da 1ª Vara Federal de Sergipe e ex-membro do Conselho Nacional do Ministério Público, entendeu que embora possa ter havido, em um trecho ou outro, manifestações preconceituosas ou desrespeitosas, não causou dano moral a nordestinos ou cuiabanos. “Entre tolerar pequenas ofensas e limitar a liberdade de expressão, prefiro a tolerância em nome da liberdade, mormente quando se verifica que o dano inexistiu”, disse Mandarino. A ação do MP também era dirigida à Globosat, Editora Abril e Globo Comunicação e Participações; e pedia a condenação ao pagamento de uma indenização de R\$ 200 mil por danos morais causados à coletividade nacional.

Mandarino também recomendou uma dose de bom humor para ler e ouvir as irreverências e ironias do coluista da *Veja* e faz um paralelo com Paulo Francis, jornalista da *Folha de S. Paulo*, já morto, um dos inventores do estilo literário-jornalístico que garante o sucesso de Mainardi. “Manifestações preconceituosas contra os nordestinos, eu já ouvi, li, inclusive de formadores de opinião. Paulo Francis, certa feita, no *Jornal da Globo*, chegou a afirmar que os nordestinos eram uma sub-raça”, conta Mandarino em sua sentença. “Continuei a ouvi-lo, afinal ele era bem informado. Quando falava bobagens como essa, eu me divertia.”

O procurador Paulo Gustavo Guedes Fontes, que assinou a Ação Civil Pública contra Mainardi, argumentava que o jornalista ofendeu a população de Sergipe na coluna veiculada na edição da revista *Veja* de 19 de janeiro de 2005. No texto ele falava do então presidente da Petrobras José Eduardo Dutra. “Dutra não tem passado empresarial. Fez carreira como sindicalista da CUT e senador

do PT pelo estado de Sergipe. Não sei o que é pior”.

As ofensas a Sergipe e aos sergipanos não pararam por aí, na opinião do procurador. No programa Manhattan Connection, veiculado pelo GNT em 9 de março de 2005, onde se comentava sobre o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, o jornalista fez a seguinte observação: “Ele não é pragmático. Ele é oportunista. O episódio do Pará agora é muito claro. Quer dizer, uma semana ele concede a exploração de madeira, na semana seguinte, ele cria a reserva florestal grande como Amazonas, Sergipe, sei lá eu... por essas bandas de onde eles vêm. Isso é oportunismo”.

Segundo o procurador, na semana seguinte o jornalista ofendeu a população de Cuiabá: “Seu principal artista é o comediante Liu Arruda. Além de protagonizar a memorável campanha publicitária do Supermercado Trento, Liu Arruda também se tornou conhecido por interpretar personagens como Creonice e Comadre Nhara (...) Não gosto de me vangloriar. Creio, porém, que fui a notícia mais excitante de Cuiabá nos últimos 20 anos”. Em outra ocasião Mainardi afirmou que pagaria qualquer coisa para não ter de colocar os pés em Cuiabá.

A defesa de Mainardi contestou a ação alegando a ilegitimidade ativa do Ministério Público por entender que a ação não se enquadra na categoria de interesses difusos e coletivos. Argumentou, ainda, que não havia ilicitude nem conotação discriminatória nas afirmações do jornalista. Chamou atenção para o fato de que o jornalista é conhecido por manifestar seu pensamento de forma ácida, contundente, utilizando, por vezes, dos recursos da ironia e da jocosidade para fazer suas críticas, o que constitui uma garantia constitucional.

O juiz reconhece que conquanto possa ter havido, em um trecho ou outro, manifestações preconceituosas, desrespeitosas até, nada disso causou qualquer dano moral aos sergipanos, nordestinos ou cuiabanos.

“De minha parte, enquanto me agradar, continuarei assistindo ao Manhattan Connection e lendo as crônicas do Sr. Diogo Mainardi e, sempre que me for dado, assegurar que ele possa dizer o que pensa. É o que importa. Aproveito e convido-o, se ainda não o fez, para visitar Sergipe. Não se arrependerá”, conclui Mandarino.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

29/06/2007 // Pérola do Diário Oficial de São Paulo do dia 25 de junho



Culpa no cartório

Do Kibe Loco

André, angustiado, abriu o coração para sua amiga, Luciana. Ele não suportava mais os rolos dos processos de execução. E para piorar, Cida não queria ajudá-lo.

Luciana riu. Ela já tinha dado uma chance para André cair fora de lá, mas ele não quis. André estava há muito tempo naquele cartório e acreditava que as coisas mudariam por lá.

Luciana, menos conformada, sugeriu a André que falasse com o Dr. Jeová antes que as coisas esfriassem. Afinal, o "rei da cocada preta" ainda estava chateado com a Cida. O momento seria ideal para André tentar ocupar o cargo dela.

André se encheu de confiança. Iria pleitear a promoção. E mais: estava certo que o cartório sem a Cida, sem a Zélia, sem o Adair, sem a Marta e até mesmo sem o Dr. Jeová, poderia flutuar. Seria mais fácil "domar burros novos". O único problema era o Bispo.

Com a aposentadoria do Dr. Jeová, Bispo ficaria no comando e ele apoiaria a Cida. Por isso, era preciso tirar Cida do caminho o quanto antes.

Luciana desejou boa sorte ao amigo, mas deixou as portas novamente abertas para o caso de algo não sair como o esperado.

André se despediu apressadamente. Cida tinha acabado de chegar.

E agora? O que vai acontecer? Será que André falou com o Dr. Jeová? E os conselhos de Luciana? Surtiram efeito?

Bem... se você não conhece o André e nem a Luciana, não desanime. Eu também não os conheço. Mas uma coisa é certa: alguém publicou sem querer (ou não) o histórico da conversa dos dois no MSN nas páginas do Diário Oficial do Estado de São Paulo (abaixo). Para comprovar, basta acessar a página do D.O. (www.diariooficial.sp.gov.br) e, na coluna da esquerda, selecionar o caderno "Judiciário II" e o dia "25/06/2007". Na página que abrir, do Adobe Reader, vá para a página 150. A conversa começa no fim da segunda coluna e continua na terceira.

(o mais fácil é fazer o seguinte: ir à esquerda e colocar Judiciário - Caderno 2 no Nome do Caderno; escolher o dia 25 de junho em Dia da Edição; e selecionar 7ª Vara Cível no Nome da Seção)

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

29/06/2007 // Faltou incluir o "são apenas meninos"



o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

28/06/2007 // O misterioso Doutor Divino Misterioso prepara-se para mais uma consulta



Sensível às corrosivas questões amorosas inerentes a uma vida moderna abduzida pelas novas tecnologias, pelo neoliberalismo e pelos escândalos político-alcovísticos, este ilibado blog assinou convênio com o respeitável terapeuta do amor Doutor Divino Misterioso, reconhecido pela Interplanet Academy of Love e laureado com louvor sob o registro 696969. Além de especialista em assuntos cardiovolutuosos, o venerável profissional também entende de tudo um pouco, principalmente a leitura de mãos, coxas e lábios. Envie a pergunta para alvaro@larangeiracomg.com.br e aguarde a resposta. É de graça. Quer dizer...

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

28/06/2007 // O protótipo da insignificância: foi sem nunca ter existido



o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

28/06/2007 // Trabalhos para o IX Seminário Internacional da Comunicação. Se deixar para a última hora...



IX Seminário Internacional da Comunicação:
Simulacros e (dis) simulações na sociedade hiper-espetacular PPGCOM -
FAMECOS/PUCRS

7 e 8 de novembro de 2007

Programa:

7 de novembro de 2007

9h

- Patrick Tacussel – “Guy Debord e Jean Baudrillard: espetáculo e simulacro, os estilos da radicalidade”
- Francisco R. Rüdiger – “Guy Debord e a teoria crítica: a atualidade de A Sociedade do Espetáculo”

14h às 18h

GTs

19h

- Douglas Kellner – “From Media Culture to Media Spetacle: Developments in Contemporary Media and Culture”
- Philippe Joron – “George Bataille e a comunicação soberana”

8 de novembro de 2007

- 9h - Michel Moiti – “Encenações coletivas e o espetáculo de si na internet”
- Juremir Machado da Silva – “Das (dis)simulações na sociedade hiper-espetacular”

14h às 18h -GTs

19h

- Lucien Sfez – “ A simulação do corpo mediático”

Grupos de Trabalho

- Comunicação e Cultura – Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt – hohlfeld@puccs.br
- Comunicação e Indústria Audiovisual: Prof. Me. João Guilherme Barone - barone@puccs.br
- Comunicação Política: Prof. Dra. Neusa Demartini Gomes – ndegomes@puccs.br
- Comunicação Organizacional: Prof. Dra Cleusa Scrofernecker – scrofer@puccs.br
- Estudos em Jornalismo: Prof. Dra. Beatriz Dornelles - biacpd@puccs.br
- Estudos em Turismo: Profª. Me. Marutscka Moesch – marutschka.moesch@puccs.br

- Manifestações Visuais da Contemporaneidade: Prof. Dr. Flávio Cauduro: flaviocauduro@yahoo.com e Prof. Dra. Maria Beatriz Rahde - frahde@portoweb.com.br
- Mídias Sonoras: Prof. Dr. Luciano Klöckner
- Publicidade e Propaganda: Prof. Dra. Maria Helena Steffens de Castro – masteff@puccs.br
- Relações Públicas: Prof. Dr. Roberto Simões - bobsimon@puccs.br
- Tecnologias do Imaginário e Cibercultura – Prof. Dr. Francisco Rüdiger – frudiger@puccs.br

Participação nos Grupos de Trabalho: enviar resumos e textos aos Coordenadores dos GTs.

Resumos: até 10 linhas. Incluir: título; nome, titulação, instituição do autor e três palavras-chave

Normas de apresentação do texto final: até 15 laudas, corpo:12, espaço: 1,5.

Prazo para o resumo: 15/08/2007

Prazo para divulgação dos selecionados: 31/08/07

Prazo para o texto final:05/10/07

(Prazo irrevogável para inclusão do trabalho no CD).

Número de trabalhos inscritos, por tarde: 6 (no máximo).

Coordenação geral dos GTs: Prof. Dra. Doris Fagundes Haussen – dorisfah@puccs.br

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

28/06/2007 // É bom já se preparar para o 20º SET Universitário da Famecos



O SET Universitário é um evento que estimula a troca de experiências entre alunos, professores e profissionais das áreas de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Produção Audiovisual, Cinema e Vídeo.

Realizado desde 1988 pela Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em duas décadas tornou-se uma referência para estudantes e profissionais. Trata-se de um marco obrigatório nos calendários das faculdades de comunicação. Sua produção fica a cargo de uma equipe formada por alunos e professores dos diversos cursos da Famecos.

O SET recebe, anualmente, um público estimado em mil estudantes que participam de oficinas, palestras e debates, além da Mostra Competitiva, que premia com certificado os autores e professores orientadores dos melhores trabalhos produzidos em atividades curriculares.

A Mostra Competitiva, desde seu início, constituiu-se em um dos principais propósitos do SET Universitário. Para participar, o autor dos trabalhos precisa ser aluno de cursos de Comunicação Social, Produção Audiovisual, Cinema e Vídeo de instituições brasileiras de ensino superior.

As inscrições de trabalhos na Mostra Competitiva serão realizadas pelo site www.pucrs.br/famecos, no período de 9 de julho a 20 de agosto. As inscrições para as oficinas devem ser feitas a partir de 9 de julho no site www.pucrs.br/famecos.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

28/06/2007 // Bolsa na Europa para jornalista



Programa Balboa oferece duas bolsas de 1000 euros

Da Redação - Comuniquese

A espanhola Fundación Diálogos está com inscrições abertas para seu Programa Balboa para Jovens Periodistas, que oferece duas bolsas para jornalistas brasileiros. Os profissionais selecionados receberão 1000 euros por mês para trabalhar em veículos como EFE, El País, El Mundo, entre outros, e também terão aulas sobre relações internacionais, economia, direito e jornalismo espanhol.

A duração da bolsa é de 26 semanas. Os selecionados terão um dia de aula e quatro de trabalho durante a semana e todas as atividades serão realizadas em Madri.

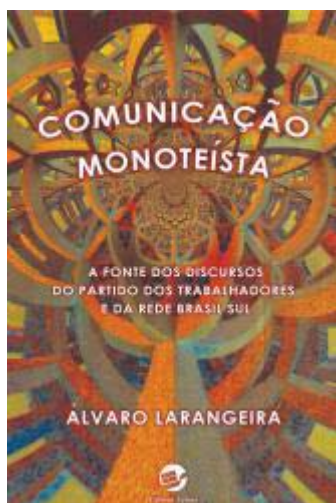
O programa seleciona 20 profissionais de toda a América Latina. O domínio da língua espanhola é fundamental e dos brasileiros será exigido um certificado comprovando esta habilidade, como o oferecido pelo Instituto Cervantes ou equivalente.

Os interessados devem ser jornalistas formados e com menos de 30 anos. Para realizar a inscrição basta preencher um formulário no site do programa. Não há custos.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

**27/06/2007 // Comunicação Monoteísta chega à
Amazônia**



Variadas fontes de discursos

Marcos Figueira - Jornal do Commercio - Manaus

21/6/2007

Interpretando as origens do PT (Partido dos Trabalhadores) e a formação da Rede Brasil Sul, o professor e pesquisador Álvaro Lorangeira mostra em seu livro “Comunicação Monoteísta”, lançado no ano passado pela editora Sulina, as diferenças entre os discursos do PT e da Rede Brasil Sul, as diferenças imaginárias e antagônicas entre os dois temas.

Lorangeira retrata o pilar do pensamento monoteísta entre o sagrado e o profano e o mito da formação do PT. Chama a atenção do leitor para compreender melhor a dinâmica das relações sociais, a razão das crenças, a relação dos outros povos e a idéia da criação das comunidades coletivas que deram origem ao PT. Neste sentido, o autor busca explicações a partir do conceito abordado por Mircea Eliade que afirma que o mito é fundamental para se entender esses povos e a formação das agremiações político-partidária, através dos seus feitos históricos ligados aos seres divinos, portanto, um fio condutor para se entender a respeito da origem do mundo. A afirmação é clara e objetiva para a formação do PT, na década de 80.

Nesse primeiro momento do livro, é importante para o leitor ter uma base do surgimento do PT, qual era o seu discurso teórico? E qual é o discurso na prática? O outro tema é a formação da Rede Brasil Sul e de como ela conseguiu agregar mitos, sagrados e profanos agregando milhares de emissoras de comunicação. Portanto, quem é a Rede Brasil Sul? E qual é o discurso dessa rede?.

Quando o leitor chegar ao quarto capítulo, conhecerá o sentido do Partido dos Trabalhadores e da Rede Brasil Sul dentro das esferas da comunicação monoteísta. Primeiramente, com um discurso nas bases cristãs, o PT surge em 1982, no ano seguinte já assume duas prefeituras, Diadema (SP) e Santa Quitéria (MA), e que em janeiro de 2005 empossou 411 prefeitos, além de governar o Palácio do Planalto e mais três Estados, e de ter 747.858 filiados. Por outro lado, a Rede Brasil Sul comandada por um grupo gaúcho veio se tornar a maior rede regional do país – com 23 emissoras de rádio, duas emissoras locais de televisão, um portal da internet, uma editora, seis jornais, 110 emissoras afiliadas à Rede Gaúcha SAT de rádio e 17 emissoras de TV afiliadas à Rede Globo.

Mesma linha de pensamento ideológico

Começando pelo Partido dos Trabalhadores, fundado oficialmente durante o 1º Encontro Nacional de Militância Esquerdista, em São Paulo, com a participação de 1.200 militantes e representantes de comissões regionais de 17 Estados. Sua certidão de nascimento constava de 101 assinaturas exigidas pela legislação partidária. Logo no primeiro parágrafo do manifesto do partido, reza que o PT surge da necessidade sentida por milhões de brasileiros de intervir na vida social e política para transformá-la.

Dizia o documento que a mais importante lição que o povo brasileiro aprendeu em suas lutas é a de que a democracia é uma conquista que, finalmente, ou se constrói por suas mãos ou não virá. Dentro desse discurso petista, até hoje ainda não foram solucionados itens essenciais como a Reforma Agrária ampla, maciça e sob o controle dos trabalhadores, apoio às lutas dos assalariados rurais, em especial dos trabalhadores temporários, mas como a Rede Brasil Sul, conseguiu agregar em seu seio materno milhares de aliados e aos poucos tem minado a oposição, já que a RBS, para sair da crise que vivia, aliou-se a outras emissoras e atualmente é maior rede de comunicação no Sul do país.

Seguindo essa linha de pensamento, Álvaro Lorangeira diz que o Partido dos Trabalhadores não é um partido para os trabalhadores e nem é um partido dos patrões. É um partido de todos, como na época de Getúlio Vargas: “pai dos pobres e mães dos ricos”. Os ideólogos do partido, por exemplo, interpretaram dessa maneira aproveitando as experiências anteriores de movimentos como o tenentismo, a Revolução de 30 e a Aliança Nacional Libertadora como práticas

no fundo reformistas. Criticando atualmente a linha bolchevique, ao mesmo tempo, que se escorram à burguesia liberal. O mesmo que Getúlio Vargas fez durante o Estado Novo. É só observar que os ideólogos são os mesmos que ficaram fragmentados durante a luta armada contra o regime militar. Por isso, Larangeira mostra em “Comunicação Monoteísta” um partido fragmentado pelas alterações do poder e as costuras políticas.

Seguindo o mesmo raciocínio do monoteísmo, Larangeira mostra o outro tema a partir do leque ampliado na constituição da Rede Brasil Sul, formada por jornais, emissoras de televisão e rádio. A rede é a mais antiga iniciando suas atividades em julho de 1957. Dados históricos colhidos por Álvaro, dão conta de que a emissora à época faturava 400 cruzeiros mensais e tinha, de despesa, 700. Daí surge à necessidade dos donos da emissora criarem uma estação-chave que abrigassem várias sub-estações.

O detalhe que chama atenção é o discurso utilizado pela rede, o mesmo utilizado pelo PT. A rede atualmente funciona como um grande centro de formação para novos acadêmicos. Formação de novos empreendedores na área da comunicação, e não apenas no preparo de profissionais do jornalismo, mas pensando no engrandecimento da empresa. O grupo entende muito bem, que a comunicação precisa de lucros para sobreviver. A Rede Globo se estruturou dentro desses princípios.

Norteadada nessa filosofia, a Rede Brasil Sul vê a idéia de comunicação como um negócio, e o melhor exemplo disso é o profissionalismo aplicado nas emissoras da rede em parceria com a Rede Globo. À idéia de rede, portanto, a RBS acrescentou nesse negócio o conceito de TV comunitária, fazendo convênios com as lideranças empresariais e políticas regionais e municipais e destinando espaço na programação para produção local. A intenção era abrir um excelente mercado de captação de recursos publicitários com anunciantes locais, incrementar a produção comercial nas regiões e criar vínculos com as comunidades. Na esteira dessa política, provocou o surgimento das agências de publicidade no interior, que praticamente não havia até meados da década de 70.

Livro: Comunicação Monoteísta – A fonte dos discursos do PT e da Rede Brasil Sul

Autor: Álvaro Larangeira

Editora: Sulina

Páginas: 239 – Edição: 1ª - 2006

Preço: R\$ 31,90

Venda: Livraria Valer

1 Comentários para este tópico

27/06/2007 // Rosamaria Araujo Nunes

Porto Alegre - RS

Não precisas publicar este meu comentário,mas, quem já leu o teu livro não tem dúvida alguma de que ele é um documento importante de pesquisa sobre o PT e a RBS. São intrigantes os desdobramentos dois dois e soubestes muito bem colocá-los.Parabéns!

- Comentar este tópico

26/06/2007 // À mercê deste tipo de justiça



Jornal copia texto sem autorização e autor é condenado

Claudio Julio Tognolli - do Consultor Jurídico

O jornalista e professor da UnB, Rogério Alessandro de Melo Basali, recorreu ao Superior Tribunal de Justiça para trancar uma ação penal. Ele foi condenado pela publicação de um artigo em um jornal de Bragança Paulista,

interior de São Paulo. O detalhe é que o jornalista não autorizou a publicação do texto no jornal. O artigo foi copiado da internet e publicado sem seu aval. O caso está nas mãos da ministra Laurita Vaz.

Inicialmente, Basali foi condenado apenas por difamação. Depois, foi condenado também por calúnia e injúria – crimes rejeitados anteriormente na abertura do processo. Ele foi condenado a três anos e quatro meses de reclusão. A pena foi convertida em restritiva de direito e multa de 10 salários mínimos.

O jornalista escreveu o artigo sobre um juiz trabalhista de Campinas. Foi processado por calúnia, difamação e injúria pela publicação em um jornal de Bragança Paulista. A defesa afirma que ele nem sabia da existência do jornal, já que seu artigo fora remetido e publicado no Mídia Independente-Brasil. O artigo informava a prática de "nepotismo" envolvendo o juiz do trabalho de Campinas e sua mulher, que era sua "assessora".

Em síntese, a defesa argumentou que ele não autorizou a publicação. Assim, não pode responder por "crime de imprensa" como está no artigo 37, da Lei de Imprensa. A Justiça de Bragança Paulista entendeu que a partir do momento em que o jornalista deixa o artigo na internet está permitido que outros jornais o publiquem. Por isso, aceitou a acusação de difamação e abriu um processo restrito apenas a esse crime.

A Justiça de Bragança ouviu apenas duas testemunhas de acusação, protesta a defesa. O jornalista alega que não foram ouvidas suas 15 testemunhas arroladas. Ele entrou com "exceção da verdade" para provar que o artigo jornalístico era verdadeiro. A Justiça de Bragança aceitou o pedido. Mas não ouviu testemunhas. Pela lei, segundo a defesa, as testemunhas teriam de ser ouvidas e o caso ser remetido ao STJ.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

26/06/2007 // Expressão da Cicarelli ao ver o bezerro do Roriz



o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

26/06/2007 // O senador Joaquim Roriz leiloa Bezerra de Ouro para juntar o dinheiro da passagem de ônibus



o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

**26/06/2007 // Vitório, o Pífilo, presidente do
campeão do mundo Internacional, mostra-se irritado
após o Gre-Nal**



o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

**25/06/2007 // Uma imagem e uma idéia para uma
bela semana**



La Magie Noire - 1942 - René Magritte

Ela parou diante dele, puxou o véu, debaixo do qual apareceram olhos negros, franjas e pálpebras longas com cílios cuidadosamente alongados; suas partes eram delicadas e perfeitas suas características, conforme disse a seu respeito um dos que a descreveu:

“Sua cintura carregava um traseiro censurável,
Que tanto a mim como a ela oprimia:

eu, quando nele pensava, morria,
e ela, pelo peso, para levantar-se sofria”.

O carregador e as três jovens de Bagdá - 28ª noite do Livro das Mil e Uma Noites – volume I – ramo sírio

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

24/06/2007 // A Mídia e a Presidência na Era FHC



Mauro Porto - membro do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política e professor na Universidade de Tulane, Nova Orleans.

O campo dos estudos brasileiros sobre comunicação política tem se consolidado nos últimos anos. O país já conta com grupos de trabalho e associações profissionais dedicados à área, bem como com uma vasta bibliografia sobre mídia e política. Todavia, entre os temas importantes que ainda não foram tratados com a atenção devida está a comunicação presidencial. Algumas questões surgem neste contexto. Quais estratégias os Presidentes da República adotam para se comunicar com o público? Quais estruturas de assessoria e de relacionamento com a imprensa são montadas no Palácio do Planalto? Quais canais os Presidentes utilizam para influenciar a cobertura jornalística? Em que medida o Presidente tem sucesso no controle da agenda pública? Existem vários estudos sobre mídia e política que abordam alguns destes temas, mas ainda não contamos com esforços de teorização ou com estudos empíricos sistemáticos que apresentem respostas a estas questões.

Neste artigo, apresento algumas observações preliminares sobre a estratégia de comunicação estabelecida nos dois mandatos do Presidente Fernando Henrique Cardoso. A discussão faz parte da pesquisa que estou desenvolvendo sobre o papel da televisão na política brasileira desde a redemocratização e que deverá resultar em um livro. A discussão que apresento a seguir está baseada em entrevistas que realizei em 2006 com jornalistas e políticos, incluindo o Presidente Fernando Henrique Cardoso.[1]

Estratégias de comunicação presidencial

Ao assumir o poder, os chefes do Poder Executivo podem adotar diferentes modelos de comunicação. Para controlar a agenda da mídia e influenciar a agenda pública, os Presidentes e suas equipes podem adotar diferentes estratégias. O Presidente[2] deve decidir quais atores do campo jornalístico são importantes e quem da sua equipe ficará encarregado da relação com estes atores. A grosso modo, é importante distinguir pelo menos três tipos de atores no campo do jornalismo: proprietários, editores e repórteres. O Presidente pode buscar se relacionar diretamente com cada um destes atores. No mundo da política real, todavia, o tempo dos detentores do poder é escasso. Estas tarefas são frequentemente delegadas a membros da equipe, especialmente ao assessor de imprensa e/ou porta-voz.

A estratégia de comunicação presidencial depende de vários fatores contextuais. Em países que contam com instituições jornalísticas mais profissionalizadas, em que as salas de redação têm maior autonomia em relação a outsiders, incluindo proprietários, a relação do Presidente com os jornalistas e editores é particularmente importante. Já em países ou períodos em que os níveis de profissionalização e autonomia jornalísticos são baixos, ou nos casos de proprietários com tradição de manipulação de suas empresas, contatos com os donos da mídia são particularmente importantes.

Na breve discussão que apresento a seguir aplico estas distinções à era FHC, enfatizando em particular a relação entre o Palácio do Planalto e a Rede Globo. O objetivo é elaborar algumas observações que possam apresentar subsídios para pesquisas futuras sobre a comunicação presidencial.

FHC e os jornalistas

Não é necessário aqui lembrar o papel absolutamente central do Plano Real na eleição de Fernando Henrique Cardoso em 1994. Também creio ser desnecessário enfatizar que os meios de comunicação estiveram entre os atores que apoiaram o plano de forma ativa. A posse de FHC ocorre em meio a um consenso generalizado na mídia e na sociedade em torno do novo plano econômico. Cardoso inicia o seu primeiro mandato desfrutando de níveis elevados de aprovação.

Neste pequeno ensaio trato de uma questão mais específica. Qual foi a estratégia de comunicação montada pelo Presidente Fernando Henrique? Mais especificamente, que tipo de relacionamento FHC e sua equipe de comunicação estabeleceram com a mídia em geral e com a TV Globo em particular? Quais dos três tipos de atores no campo do jornalismo (proprietários, editores e repórteres) foram privilegiados?

Começemos com a relação entre o Palácio do Planalto e os repórteres. Apesar do clima de consenso que predominou no início do primeiro mandato, o Presidente e sua equipe partiram do pressuposto de que a esquerda em geral, e o PT em particular, exerciam uma influência significativa nas redações e de que a relação com repórteres não seria necessariamente fácil. Um dos aspectos mais importantes da comunicação presidencial na era FHC foi a decisão de indicar a jornalista Ana Tavares para ocupar a Assessoria de Imprensa da Presidência da República. Em seus oito anos no cargo, a jornalista montou o que muitos repórteres e editores definiram em suas entrevistas como a assessoria de imprensa mais profissional e eficaz já montada no Palácio do Planalto. Ana Tavares conhecia os jornalistas que cobriam o governo e era por eles conhecida, criando um importante clima de confiança pessoal. Muitos jornalistas descreveram em suas entrevistas que era “fácil” cobrir a Presidência, pois a assessora passava as informações necessárias e freqüentemente conseguia agendar entrevistas com o Presidente.

Portanto, a comunicação presidencial na era FHC foi caracterizada não só pela decisão de delegar a relação com jornalistas para a Assessora de Imprensa, como também pela criação das condições necessárias para o seu funcionamento. Em outras palavras, Ana Tavares teve um relativo êxito na coleta de informações solicitadas pela imprensa e no agendamento de entrevistas com o Presidente, o que facilitou o trabalho com repórteres e eliminou algumas resistências.

FHC e os editores

Todavia, de nada adianta ao Presidente cultivar boas relações com jornalistas se os editores vetarem ou alterarem as matérias que são produzidas por eles. Portanto, além de repórteres, a relação com editores e chefes de redação é vital para o êxito das estratégias de comunicação presidencial.

No caso específico da Rede Globo, o governo Fernando Henrique enfrentou uma transição importante na direção do departamento de jornalismo da emissora. Quando Fernando Henrique toma posse em 1995, a Central Globo de Jornalismo (CGJ) era comandada por Alberico de Sousa Cruz. Responsabilizado pela famosa edição do debate entre Lula e Collor no segundo turno da eleição de 1989, Alberico ocupou o cargo de Diretor Geral da CGJ entre 1990 e 1995. Neste período, Alberico estabeleceu relações pessoais e íntimas com políticos e Presidentes, incluindo Fernando Collor de Mello. Um dos aspectos que facilitou inicialmente a estratégia de comunicação de Fernando Henrique foi o fato de que ele também tinha boas relações pessoais com Alberico e que esta relação facilitou a influência do governo no jornalismo da Globo. Nas minhas entrevistas, tanto políticos como jornalistas afirmaram que a parcialidade e a amizade pessoal de Alberico com FHC foi uma das razões principais da sua demissão poucos meses depois. Alberico é substituído por Evandro Carlos de Andrade no posto de Diretor Geral da Central Globo de Jornalismo em julho de 1995. Em trabalhos anteriores, já analisei em detalhe a importância e as consequências desta mudança.[3] Para os objetivos deste texto, cabe ressaltar que a contratação de Evandro Carlos de Andrade teve por objetivo recuperar a credibilidade do jornalismo da Rede Globo através de uma maior profissionalização e de menos intervenções explícitas e parciais no campo da política. Neste sentido, a relação de Cardoso com os editores da Rede Globo ficou mais difícil, quando comparada com o fácil acesso do Presidente na gestão de Alberico.

Estas mudanças no corpo de editores da Rede Globo tiveram repercussões importantes para a comunicação presidencial. Em sua entrevista, Fernando Henrique afirmou que um dos filhos de Roberto Marinho comunicou a ele que a empresa ia mudar a direção do jornalismo. Segundo o Presidente, os proprietários da Globo afirmaram na ocasião que uma das consequências da mudança seria uma maior independência da emissora em relação ao governo.

Ao ressaltar estas mudanças, não estou pretendendo afirmar que Fernando Henrique teve dificuldades no seu relacionamento com os novos editores da Central Globo de Jornalismo ou que a emissora exerceu um jornalismo imparcial em relação ao governo. Em livro que será lançado em breve, demonstro que o jornalismo da Rede Globo continuou a privilegiar os enquadramentos do governo federal durante o segundo mandato de Fernando Henrique.[4] O meu objetivo aqui é apenas ressaltar um tema até agora negligenciado pelos estudos de comunicação política: o fato de que mudanças na linha editorial da principal empresa de comunicação do país afetam as estratégias de comunicação presidencial. Em particular, a maior profissionalização do jornalismo da Globo fez com que o favorecimento das perspectivas do governo se estabelecesse de forma mais sutil e indireta, quando comparado às manipulações mais explícitas do passado.

FHC e os donos da mídia

Finalmente, cabe ressaltar o terceiro ator do campo jornalístico que é essencial para as estratégias de comunicação dos Presidentes: os proprietários dos meios de comunicação. Sabendo da importância dos proprietários na formação da linha editorial de suas empresas, Fernando Henrique buscou cultivar uma relação direta e pessoal com eles. Em momentos de crise, o Presidente chegou a intensificar contatos com os donos da mídia com o objetivo de alterar a cobertura noticiosa. Por exemplo, no primeiro semestre de 1998 a reeleição de Fernando Henrique parecia ameaçada pelo caráter essencialmente negativo da agenda da mídia e pelo crescimento de Lula nas pesquisas. O Presidente entrou então em contato com vários proprietários de meios de comunicação alertando para o fato de que a continuidade deste tipo de cobertura poderia levar à eleição de Lula.[5]

Um dos fatos marcantes da era FHC foi o gradual afastamento de Roberto Marinho do comando da Rede Globo por motivos de saúde. Quando Fernando Henrique tomou posse em 1995, os três filhos de Marinho já haviam assumido o controle da empresa. As conseqüências desta mudança geracional não podem ser ignoradas. Marinho exercia um controle claro e às vezes direto da linha editorial da principal empresa de comunicação do país. Já os seus três filhos optaram por uma maior profissionalização da Central Globo de Jornalismo, dando mais autonomia para editores e jornalistas. Portanto, a importância do cultivo de relações diretas com os proprietários da Globo diminuiu na era FHC.

Não pretendo com isso afirmar que FHC teve dificuldades no relacionamento com os proprietários da Globo ou que os filhos de Roberto Marinho não exerceram influência no seu governo. Em sua entrevista, o Presidente relatou, por exemplo, ter consultado os novos proprietários das Organizações Globo quando se negociava nomes para a composição da equipe do Ministério das Comunicações. O meu objetivo é ressaltar um aspecto ainda não explorado pelos estudos brasileiros de comunicação política: o impacto do afastamento de Roberto Marinho para as estratégias de comunicação da Presidência da República.

Espero que este texto de natureza introdutória contribua para gerar novas questões e novas pesquisas sobre a relação entre o campo jornalístico e as estratégias de comunicação presidencial.

=====

Notas

[1] A entrevista com Fernando Henrique Cardoso foi conduzida pelo autor em São Paulo no dia 18 de julho de 2006.

[2] Utilizo o substantivo masculino, já que a Presidência tem sido historicamente monopolizada por homens no Brasil.

[3] Mauro Porto, "Novos apresentadores ou novo jornalismo? O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira". Comunicação e Espaço Público, Vol. 4, n. 1-2, 2002, pp. 9-31; e Mauro Porto, "TV news and political change in Brazil: The impact of democratization on TV Globo's journalism." Journalism, Vol. 8, n. 4, 2007, pp. 381-402.

[4] Mauro Porto, *Televisão e Política no Brasil: A Rede Globo e as Interpretações da Audiência*. Rio de Janeiro: E-Papers (no prelo).

[5] Em sua entrevista, Cardoso ressaltou que a agenda da mídia no primeiro semestre de 1998 era realmente negativa e culpou a influência do PT nas redações por este tom da cobertura. Todavia, o Presidente negou que tenha estabelecido contatos frequentes e diretos com proprietários dos meios de comunicação para alterar a cobertura noticiosa. O Presidente admitiu apenas ter conversado a respeito com Octavio Frias, proprietário da Folha de S. Paulo.

Apesar do Presidente negar o fato, alguns jornalistas relataram em suas entrevistas que proprietários de empresas de comunicação foram procurados na época pelo Presidente.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

23/06/2007 // A falta da escrita libidinosamente casta



Por que não temos mais um cronista como ele

* por Edward Pimenta - Revista Bravo

Em sua obra, Nelson Rodrigues mostrou aos brasileiros como era o Brasil, em linguagem simples e direta. Ninguém mais fez isso como ele

Na noite de 28 de dezembro de 1943, a nata da elite intelectual carioca embaixadores, escritores, poetas e jornalistas lotou o Teatro Municipal do Rio de Janeiro para assistir à estréia de Vestido de Noiva. O autor, o então jovem dramaturgo Nelson Rodrigues, de 31 anos, passou todo o tempo na antecâmara de um camarote, apavorado, ora de frente, ora de costas para o palco, a úlcera pegando fogo. Ao término do primeiro ato, duas palmas foram ouvidas. "Estou frito", pensou Nelson. Acabou o segundo ato e as palmas minguaram. Nem as irmãs do autor aplaudiram. Ao fim do último ato, o pano caiu, e com ele um silêncio esmagador. Algumas palmas foram ouvidas, e

outras, e mais, aumentando até o teatro ser tomado por um estrondo de aplausos frenéticos que ecoou por minutos.

Nos dias seguintes, Nelson foi acolhido por aquela elite intelectual. O poeta Manuel Bandeira e os críticos Álvaro Lins e Décio de Almeida Prado, que conheciam o texto, já haviam feito elogios públicos antes da estréia. Gilberto Freyre, Augusto Frederico Schmidt e Guilherme Figueiredo logo engrossaram o coro de admiradores. Mesmerizados com o que viram -um show de 132 efeitos de luz, 140 mudanças de cenas e 32 personagens conduzidos pelo diretor polonês Ziembinski -, Otto Maria Carpeaux, Carlos Drummond de Andrade e Alceu Amoroso Lima juntaram-se àqueles que passaram a ver em Nelson a grande novidade do teatro brasileiro.

Era isso e mais. Com Vestido de Noiva, Nelson Rodrigues entrava para o clube dos pensadores brasileiros, pertencente a uma geração- a dos anos 30- que achava importante decifrar o país. Nos anos anteriores ao seu primeiro sucesso nos palcos surgiram as três obras magnas dessa corrente: Casa Grande & Senzala (1933), de Gilberto Freyre, Raízes do Brasil (1936), de Sérgio Buarque de Hollanda, e Formação do Brasil Contemporâneo (1942), de Caio Prado Júnior. Nelson viu-se nesse time atacando em duas frentes por muito tempo desprezadas pelos estudiosos, pela distância que guardavam do mundo acadêmico: a crônica de jornal e o teatro. Em ambos os casos, interessava-lhe menos o estilo rebuscado do ensaio e mais a linguagem direta das ruas. Pode-se dizer que Nelson fez a crônica de seu tempo mesmo quando escreveu teatro. Na duas formas, ele teve o mérito de resumir, de forma acessível, o Brasil para os brasileiros. Mas será que ele próprio se levava a sério como pensador das coisas brasileiras? A crítica de teatro Barbara Heliodora acha que sim. "Ele levava sua obra muito a sério, e ela revela que ele tinha, mesmo que não verbalizados, certos princípios dominantes para sua visão das coisas", diz.

De fato, hoje, depois de anos alternando amor e ódio em relação ao pensamento vigente entre os intelectuais do país, a obra de Nelson obteve uma certa unanimidade- aquela mesma que ele, ironicamente, considerava "burra". Nelson virou santo até para a esquerda, com quem ele vivia às turras por causa de seu apoio à ditadura militar. Quase três décadas depois de sua morte, ele será celebrado na Festa Literária Internacional de Parati, que acontece entre os dias 4 e 8/7. Ao mesmo tempo, está em curso a publicação de toda a sua obra. A Agir acabou de lançar uma nova edição da coletânea

Elas Gostam de Apanhar, no bojo de um projeto ambicioso de colocar no mercado, em edições caprichadas, toda a obra de Nelson fora do teatro. A Nova Fronteira, que possui os direitos sobre a dramaturgia do autor, prepara uma edição trilingüe (inglês, português, francês) de Beijo no Asfalto (1961), além de uma versão em graphic novel da peça.

O JORNAL COMO PRINCÍPIO DE TUDO

Nelson é resultado da sucessão de revezes que marcou sua vida pessoal e do jornalismo que praticou desde cedo. Fumava quatro maços de cigarro ordinário por dia. Ficou tuberculoso aos 23 anos. Era cardíaco, enxergava muito mal e cultivou uma úlcera durante quase toda a vida. Foi repórter policial, editorialista político, cronista esportivo e autor de folhetins, crônicas, contos, romances, novelas e peças teatrais. Começou a escrever teatro premido pela falta de dinheiro, mas logo foi tomado de ambição literária. A partir de então, seu objetivo passou a ser o reconhecimento dos grandes intelectuais da época- que ele atingiu ainda jovem, no episódio descrito no início desta reportagem.

Nelson sempre esteve no jornal- e o jornal, em sua época, era o ponto de encontro dos intelectuais. Suas colunas e crônicas misturavam literatura, colonismo social, crítica literária e comentários políticos. Fustigava seus desafetos publicamente. Até Otto Lara Resende, de quem era amigo e admirador, foi alvo da sanha rodriguiana. De acordo com Victor Hugo Adler Pereira, professor de literatura da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o jornalismo não somente atraía uma parcela da intelectualidade que desejava interferir nos rumos da vida pública, como também oferecia possibilidades de ganho aos jovens intelectuais. "Durante os anos 50 e 60 pode-se reconhecer que a consagração pública de alguns poetas e escritores de peso, como Drummond, Cecília Meireles e até mesmo Clarice Lispector, deveu-se, em parte, à atuação nos jornais como cronistas", afirma. Segundo o dramaturgo Caco Coelho, que coligiu num livro os primeiros escritos do autor, Nelson não via diferença entre literatura e jornalismo- e naquela época ela, de fato, quase não existia.

COMO ERA O BRASIL DE NELSON?

O que torna a obra de Nelson relevante para entender o país em seu tempo é que ele buscou o chamado "Brasil profundo" no subúrbio carioca. A chamada literatura regionalista, contemporânea dos grandes ensaístas Gilberto Freyre, Sérgio Buarque e Caio Prado Júnior- e que também tentava, a seu modo, "explicar" o país -, se debruçava sobre o Brasil rural. Nelson era

eminentemente urbano. A partir de *A Falecida* (1953) surge no teatro uma parcela da sociedade quase invisível na produção cultural nacional: a classe média, até então só focalizada por Lima Barreto. Para Fábio de Souza Andrade, professor de literatura da USP, Nelson tinha faro e pena de caricaturista e, em suas mãos, o subúrbio do Rio sobrevive à pesada estilização por trás do moralismo histriônico. "Nelson Rodrigues tinha alguma coisa de vitoriano deslocado, de Dickens da Pavuna, sem demérito para nenhum dos dois. A atualização de arquétipos míticos e uma linguagem sensível às imagens fazem do seu teatro coisa difícil de igualar", diz.

Em sua visão do subúrbio, Nelson incorporou até Sigmund Freud, o que era extremamente ousado para a época. "Nelson, mesmo sem dominar em profundidade as lições psicanalíticas, tinha do assunto aquela informação genérica, acervo de todo cidadão de conhecimento mediano, que autorizava a tratar de incesto e assuntos familiares", afirma o crítico Sábato Magaldi. Foi por causa disso que uma peça como *Álbum de Família* (1945), que levou o incesto para os palcos e inaugurou, nas palavras do próprio Nelson, a fase do "teatro desagradável", causou tanto escândalo e foi proibida por duas décadas. A influência freudiana também está em *Anjo Negro* (1947), na relação incestuosa entre a jovem Ana Maria e seu pai presumido, o negro Ismael; e em *Senhora dos Afogados* (1947), na paixão de Moema pelo próprio pai. O mesmo vale para *Vestido de Noiva*, em que duas personagens mortas, Alaíde e Clessi, enunciam com liberdade- justamente porque mortas- o plano do inconsciente.

O Brasil de Nelson era, assim, cosmopolita, de temática urbana e ligado às idéias de seu tempo. Mas havia mais. Como bom cronista, ele resumiria o país numa frase de efeito que

hoje é um slogan sobre o Brasil tão citado quanto o "país do homem cordial", de Sérgio Buarque, ou o "país das idéias fora do lugar", de Roberto Schwarz- um dos muitos críticos das posições políticas do autor durante o regime militar. Nelson é autor da expressão "complexo de vira-latas", que surgiu durante a cobertura da Copa do Mundo de futebol, em 1958. A epopéia do Brasil em busca de seu primeiro título mundial parece feita sob medida para um manual de sociologia- ou para ilustrar o livro *Casa Grande & Senzala*.

Oito anos antes, o Brasil havia perdido a Copa do Mundo para o Uruguai, derrota atribuída na época a dois jogadores, por acaso, negros- o goleiro Barbosa e o lateral Bigode. Na Copa de 1958, coincidência ou não, o Brasil definiu um time titular com dez jogadores brancos e um único negro- o

botafoguense Didi, inegavelmente o grande craque do país na época. No banco, nas primeiras partidas, ficaram o mulato Garrincha e o negro Pelé. Quando os dois entraram em campo, a partir do terceiro jogo, o time passou a ganhar todos os jogos e conquistou o título. Uma fábula destinada a ilustrar a obra de Gilberto Freyre, para quem o Brasil, no futuro, deixaria de considerar a mestiçagem uma desvantagem para glorificá-la, orgulhando-se deste traço da identidade nacional. Nas suas crônicas, Nelson fez, por meio do futebol, com que o país se orgulhasse de ser um caldeirão de raças. Nesse ponto, é interessante notar que seu irmão, Mário Filho, uma figura estelar na crônica esportiva, é autor do clássico *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947).

POR QUE NÃO TEMOS MAIS UM CRONISTA COMO ELE

Uma explicação possível é que o ambiente cultural no Brasil mudou bastante. Na época de Nelson, as circunstâncias eram bem diferentes das que vivemos hoje.

O Brasil era pequeno, tudo acontecia no Rio de Janeiro. Nos anos 30, a então capital federal contava com pouco mais de 2 milhões de habitantes, e era ali que circulavam todas as discussões sobre a formação de um ideário nacional. Além disso, estava em curso na época um projeto urbanístico que expandiu os subúrbios cariocas, levando sua cultura- as modinhas, as serestas de violão, os cordões carnavalescos, o reisado, as brigas de galo- para o centro, para o universo da elite intelectual, e foi desse universo que Nelson extraiu a atmosfera de suas obras.

A imprensa escrita tinha uma tremenda influência no meio intelectual. Hoje a força do jornal é relativamente menor. Ganharam prestígio as universidades, que passaram a ser as instituições de produção e intercâmbio de conhecimento. Surgiram também outros meios de comunicação - as revistas, a TV e depois a internet. No que se refere à internet, não deixa de ser curioso que os blogs tenham desenvolvido novos formatos de crônica, baseadas quase sempre num certo intimismo confessional.

No mundo globalizado, os intelectuais não têm mais a pretensão de resumir o país em idéias básicas. Nunca mais surgiram ensaístas- ou cronistas, ou dramaturgos- com a pretensão de decifrar a alma brasileira simplesmente porque hoje ninguém mais busca isso.

Tudo isso é verdade, mas nenhuma dessas razões oculta a evidência mais simples de todas- a de que gênios são mesmo raros. Por enquanto, embora

inúmeros talentos do jornalismo e do teatro tenham surgido, nenhum deles suplantou o artista múltiplo que foi Nelson Rodrigues. Na história do pensamento brasileiro, Nelson já foi pulha, já foi santo. Mas, como ele escreveu certa vez, "o gênio, não sei por quê, é mais difícil do que o santo ou o pulha".

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

23/06/2007 // A incontestável defesa de Renan Calheiros



o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

22/06/2007 // 3º número da Interin - com editorial redigido por quem vos fala



Revista on-line do Mestrado em Comunicação e Linguagens da Tuiuti

A terceira edição da Interin homenageia dois expoentes da área da comunicação por motivos distintos, porém complementares. Jean Baudrillard, em razão da sua morte em março passado. Décio Pignatari, pelos 80 anos a serem comemorados em agosto. E os dois, porque graças a eles a comunicação cintila. No Dossiê Baudrillard, teóricos e pesquisadores da estirpe de Eugênio Trivinho, Francisco Menezes Martins, Juremir Machado da Silva, Muniz Sodré e Raquel Paiva discorrem a respeito da importância e contribuições do pensador francês, retomando conceitos, obras e convivências com Jean Baudrillard.

Lembrar Baudrillard – última consciência infeliz do apogeu da cultura mediática, de Eugênio Trivinho; Baudri's yard: comunicação, simulacros e servidão voluntária, de Francisco Menezes Martins; Nunca esquecer Baudrillard, de Juremir Machado da Silva, e Um pensador essencial da comunicação, de Muniz Sodré e Raquel Paiva, intensificam, desvelam e aprofundam o legado baudrillardiano.

Em relação a Décio Pignatari, os leitores podem apreciá-lo em três dimensões. A primeira com o pré-texto A obra-pensamento fanomelopaica de Décio Pignatari, redigido pelo amigo e ex-orientando Daniel Lacerda. A segunda, na entrevista com o próprio homenageado; e a terceira perspectiva, fiada pelo olhar apurado de Denise Azevedo Duarte Guimarães, no pós-texto Uma possível leitura do poema Terra. Três pontos de vista para conhecer o ser multidimensional do poeta-professor-designer-publicitário-crítico-tradutor-romancista-dramaturgo Décio Pignatari.

Complementam a edição os textos A auto-regulação interna do Orkut pela ação dos usuários, da doutoranda em Comunicação (PUCRS) Flávia Pithan e da doutora em Informática na Educação (UFRGS) Maria Isabel Timm, no qual as pesquisadoras estudam as ações voluntárias dos usuários das comunidades on-line para estabelecer preceitos morais de comportamento; Um filme ou dois? – a Paixão de Cristo de Lumière, em que o historiador e doutor em Multimeios (Unicamp) Luiz Vadico justifica por que A Paixão de Horitz e a Paixão de Lumière são dois filmes distintos e não um só, como muitos consideram; e Um caso de anomalia no campo cinematográfico: filmes pós-modernos de Godard, artigo de Renato Luiz Pucci Jr., docente do Mestrado em Comunicação e Linguagens da Tuiuti, sobre a subversão estilística do cineasta francês quando dialoga com a produção clássica hollywoodiana e a poética pós-modernista. Assim, nessa terceira edição da Interin, as temáticas se ajustam: do Orkut às telas; das telas ao simulacro; do simulacro à métrica.

[Clique aqui para acessar a revista](#)

1 Comentários para este tópico

24/06/2007 // Rosamaria Nunes

Porto Alegre - RS

Parabéns pela revista! Muito interessante, bem elaborada. É muito bom que surjam revistas assim pelo Brasil! Que ela dure para sempre, assim como o teu blog, Álvaro. O teu site é maravilhoso!

- Comentar este tópico

22/06/2007 // Agenda de hoje e de amanhã e de domingo da ministra do Turismo, Marta Suplicy

14:29

PARTIDA / DEPARTURE

CIÁ	VÔO	FLIGHT	DESTINO / Escala	HORA	OBSERVAÇÃO
Empres	Figura	Class	to / via	Partida	Resumo
TRIM	3315	17	Rio de Janeiro	15:30	Relaxa e goza
TRIM	1779	09	São Paulo	15:21	Relaxa e goza
TRIM	1847	08	Curitiba	15:20	Relaxa e goza
TRIM	2829	09	Sao Paulo	15:30	Confirmado
TRIM	3039	11	Belo Horizonte	15:30	Relaxa e goza
TRIM	1693	10	Rio de Janeiro	15:40	Programado
TRIM	3823		Rio de Janeiro	16:46	Cancelado
TRIM	3805	02	Culabá	16:06	Relaxa e goza
TRIM	3833	09	Rio de Janeiro	16:55	Programado
TRIM	3723	05	São Paulo	17:00	Relaxa e goza
TRIM	3827	01	Rio de Janeiro	17:30	Relaxa e goza
TRIM	3386	08	São Paulo	17:48	Programado
TRIM	3471	11	São Paulo	17:52	Relaxa e goza
TRIM	3601	15	Rio de Janeiro	17:52	Relaxa e goza
TRIM	1837	01	Porto Alegre	18:15	Relaxa e goza

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

22/06/2007 // Reminiscência da Compós - O mito do Eterno Retorno aplicado ao Jornalismo - Foto de Afonso Jr.



o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

21/06/2007 // Revolta no campo



2 Comentários para este tópico

21/06/2007 // Pedro Mondêgo

Brasília - DF

hahahahahaha... muito bom!

21/06/2007 // Dalvo José Rossi

Belo Horizonte MG - MG

MEDO DA LUZ

A luz proveniente da aurora - da opinião pública alimentada pelos fatos divulgados pelas inúmeras mídias - já derrubou dois "relatores", calou um "corregedor" e está fazendo com retornem às trevas muitos dos "epitafeiros" de primeira hora, inclusive a falsa postura democrática do "presidente" Sivá, o senador sem nenhum voto (palmas para as listas fechadas).

Que esta luz continue a brilhar. Ela será o meio para estancar o sangramento dos que velam pela democracia em nosso país. Este é o único sangramento que de fato existe. O daqueles que querem e contribuem para viver num Brasil realmente justo e democrático e sangram diante da própria impotência ao ver a maioria dos que dizem representar o povo agirem de maneira sórdida, abjeta como muitos dos integrantes do Conselho de Ética

ao longo do processo contra Renan Calheiros.

Se as reuniões do tal Conselho transmitidas pela TV Senado fossem retransmitidas em horário nobre em TV aberta e os documentos, constantes deste processo, divulgados integralmente não precisaríamos das frases da nossa "Maria Antonieta" para derrubarmos nossas bastilhas.

Nosso país precisa de um choque de capitalismo (Mário Covas) e outro, de maior intensidade, de democracia. O primeiro é induzido pelo capital, apesar de toda perversidade oriunda da falsa necessidade de sua acumulação por pouquíssimos. O segundo só com a efetiva participação de alguns milhões de pessoas dispostas a se metamorfosearem em cidadãos e cidadãs. Um dia, ainda, elas se juntarão em solo brasileiro. Este dia acontecerá uma geração depois de começarmos a praticar uma educação básica pública onde seus gestores também matriculem seus filhos.

- Comentar este tópico

21/06/2007 // 49º Prêmio Jabuti 2007



Em apuração realizada no dia 19 de junho, na Câmara Brasileira do Livro, foram definidos os 10 primeiros colocados das 20 categorias do 49º Prêmio Jabuti 2007, por muitos considerado o grande prêmio da literatura brasileira. A apuração da segunda fase, na qual serão conhecidos os vencedores deste ano, está confirmada para o dia 15 de agosto, às 10h, também em sessão aberta aos associados, ao público e à imprensa na sede da entidade.

Melhor livro de reportagem:

1º POLÍTICOS DO BRASIL

FERNANDO RODRIGUES

PUBLIFOLHA - DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES DA EMPRESA FOL

2º O NOME DA MORTE

KLESTER CAVALCANTI

PLANETA DO BRASIL

3º A LEI DA SELVA

HUGO STUDART

GERAÇÃO EDITORIAL

4º A VIDA QUE NINGUÉM VÊ

ELIANE BRUM

ARQUIPÉLAGO EDITORIAL

5º RUA DO OUVIDOR 110: UMA HISTÓRIA DA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO

LUCILA SOARES

EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.

6º A REPÚBLICA NEGRA - HISTÓRIAS DE UM REPORTER SOBRE AS

TROPAS NO HAITI

LUIS KAWAGUTI

EDITORA GLOBO S/A

7º O SÚDITO (BANZAI, MASSATERU!)

JORGE J. OKUBARO

EDITORA TERCEIRO NOME LTDA.

8º O RASTRO DA BRUXA: HISTÓRIA DA AVIAÇÃO COMERCIAL

BRASILEIRA NO SÉCULO XX ATRAVÉS DE SEUS ACIDENTES

CARLOS ARI CÉSAR GERMANO DA SILVA

EDITORA UNIVERSITÁRIA DA PUCRS - EDIPUCRS

9º PELA DEMOCRACIA, CONTRA O ARBÍTRIO: A OPOSIÇÃO

DEMOCRÁTICA, DO GOLPE DE 1964 À CAMPANHA DAS DIRETAS JÁ

FLAMARION MAUÉS E ZILAH WENDEL ABRAMO

EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

10º ENTRE ASPAS: DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS

FERNANDO EICHENBERG

EDITORA GLOBO

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

20/06/2007 // Grêmio reforçado para o jogo de hoje contra o Boca Juniors



Fontes fidedignas deste blog - entre elas o doutor a partir do dia 29 Luis Gomes - antecipam a escalação do tricolor gaúcho para o confronto de logo mais à noite:

1. David Copperfield,

2. Mãe Diná,

3. Papa Bento XVI,

4. Mister "M"

5. Pe. Quevedo

6. Ogum

7. Oxalá

8. Iemanjá,

9. Buda

10. São Pedro

11. Mãe Neuza do Bará

Auxiliar Técnico: Frei Galvão

Banco:

Paulo Coelho, Harry Potter, Homem Invisível, Paulo Sant'Anna e a turma do Lost.

1 Comentários para este tópico

20/06/2007 // Rosamaria Araujo Nunes

Porto Alegre - RS

Olha, fico muito feliz em saber da conclusão do doutorado do Luis Gomes, porém, muito triste com a brincadeira sobre o " Maior Time Da Paróquia", o meu querido Grêmio. Eu também vou ficar no banco de reserva, torcendo... Viva o Grêmio! Beijos da fã nº 1.

- Comentar este tópico

19/06/2007 // Do jornalismo narcísico



Carta do editor de ZH irrita jornalista de O Sul

Coletiva.Net - 18/6

O jornalista Wanderley Soares, 67 anos, sentiu-se ofendido com a 'Carta do Editor' publicada pelo jornal Zero Hora neste domingo, na qual o diretor de Redação Marcelo Rech afirma que o jornalista Humberto Trezzi é "o primeiro do país a manter uma coluna diária para interpretar as notícias sobre criminalidade". Wanderley assina uma coluna sobre esta questão desde setembro de 2004 no jornal O Sul, e por isto considerou o registro feito por ZH como "um atentado contra a verdade, o que é um pouco maior que a mentira".

O descontentamento de Wanderley é agravado porque, ao contrário de sua coluna, publicada de terça a domingo, o espaço ocupado por Trezzi não é diário. "O Trezzi não tem nada a ver com isto, mas estou profundamente irritado e me sentindo agredido por um colega que escreve uma inverdade como esta", disse Wanderley. "Faço uma crítica permanente da política de segurança do Rio Grande do Sul, e sem oficialismos. Basta ler o que escrevo no Sul, e sugiro que não percam minha coluna desta terça-feira", afirmou. Nela, vai discorrer muito sobre ética: "A ética é uma proparoxítone fácil de pronunciar e de escrever, mas há pessoas com enormes dificuldades para exercê-la. E mais: a primeira condição da ética para jornalistas é exercer o respeito entre os profissionais do Jornalismo".

Carta do Editor - de Marcelo Rech - 17/6

Em um evento promovido pela Associação Nacional de Jornais na terça-feira

passada em São Paulo, chefes de redação, editores e repórteres se reuniram pela primeira vez em um seminário para tratar de um tema preocupante: como a cobertura jornalística deve lidar com o fenômeno do crescimento da violência no Brasil. Uma das experiências apresentadas para melhorar a qualidade da cobertura foi a do comentarista de segurança de ZH, Humberto Trezzi, o primeiro do país a manter uma coluna diária para interpretar as notícias sobre criminalidade. Também foi exibida a revolução na cobertura praticada pelo jornal Pioneiro, de Caxias do Sul, que transferiu o foco da delegacia para o olhar do cidadão, estimulando a prevenção e a noção de que o crime não compensa.

No entanto, poucos depoimentos deixaram os colegas tão perplexos quanto o da editora executiva de O Dia, do Rio, Ana Cristina Miguez. Seus repórteres vão às áreas conflagradas do Rio em uma rotina de apreensão e cautela que está mais para Bagdá do que para Estocolmo. Ameaçados pela desenvoltura do tráfico, os repórteres andam em carros blindados, vestem coletes à prova de balas e não entram em favelas. Trata-se de uma dupla ameaça à liberdade de expressão. De um lado, a intimidação ao livre trabalho de repórteres. De outro, a exasperante sensação dos jornalistas de que estão em débito com sua missão de testemunhar o que se passa no interior destas comunidades.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

18/06/2007 // Programação preliminar do evento inaugural do Mestrado em Jornalismo da UFSC



A pesquisadora espanhola María del Mar de Fontcuberta Balaguer, atualmente trabalhando no Chile, fará a palestra de abertura do I Simpósio de Pesquisa Avançada em Jornalismo da Região Sul, que acontece entre os dias 06 e 09 de agosto e marca o início das atividades do Mestrado em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Mar de Fontcuberta é professora titular da Facultad de Comunicaciones da Pontificia Universidad Católica de Chile, com formação em jornalismo pela Universidad de Navarra e doutorado em jornalismo e ciências da comunicação na Universidad Autónoma de Barcelona.

O encontro reunirá representantes dos programas de pós-graduação em Comunicação do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina e palestrantes do centro do país, é aberto ao público e será transmitido ao vivo pela internet.

Programa Preliminar:

06 de agosto de 2007 – segunda-feira

09 horas – Solenidade de Abertura do Evento

10 horas – Conferência Inaugural: “Periodicos: sistemas complejos”

Profa. Dra. María del Mar de Fontcuberta - Universidad Católica de Santiago (Chile)

14 horas – Mesa 1:

A Pesquisa em Fundamentos do Jornalismo no Mestrado da UFSC (Linha 1)

Prof. Dr. Francisco Karam

Prof. Dr. Orlando Tambosi

Profa. Dra. Gislene Silva

Profa. Dra. Daisi Vogel

16 horas: Mesa 2:

A Pesquisa em Processos e Produtos Jornalísticos no Mestrado da UFSC (Linha 2)

Prof. Dr. Nilson Lemos Lage

Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Prof. Dr. Elias Gonçalves

Profa. Dra. Tattiana Teixeira

07 de agosto de 2007 – terça-feira

09 horas – Mesa 3:

A experiência da pesquisa em Jornalismo nos Programas de Pós-Graduação

da Região Sul

Prof. Dr. Antônio Hohlfeldt – PUC-RS

Profa. Dra. Christa Berger Kunzick – Unisinos

Profa. Dra. Cláudia Quadros – Tuiuti

Profa. Dra. Márcia Benetti Machado – UFRGS

Profa. Dra. Márcia Franz Amaral – UFSM

14 horas – Reunião (restrita) entre os representantes dos programas para articulação de Rede de Pesquisa

08 de agosto de 2007 – quarta-feira

09 horas – Mesa 4:

As demandas do setor produtivo na Pesquisa Avançada em Jornalismo

Jornalista Marcelo Rech – Diretor Editorial da Associação Nacional dos Jornais

Jornalista José Roberto Garcez – Presidente da Radiobras

Jornalista Sérgio Murilo de Andrade – Presidente da Federação Nacional de Jornalistas

14 horas – Reunião (restrita) entre os representantes do setor produtivo e os pesquisadores para prospectar possibilidades de parceria

09 de agosto de 2007 – quinta-feira

09 horas – Mesa 5:

A Pesquisa Avançada em Jornalismo e as Agências de Fomento: Experiência e Perspectivas

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – Representante da Área de Comunicação no CNPq

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Motta – Coordenador da Linha “Jornalismo e Sociedade” – UnB

14 horas – Conferência de Encerramento:

A importância da memória e da tradição na Pesquisa Avançada em Jornalismo

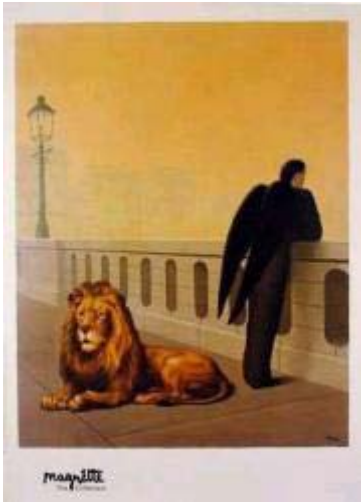
Prof. Dr. José Marques de Melo – Cátedra Unesco-Umesp

16 horas – Encerramento do Evento

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

18/06/2007 // Uma imagem e uma idéia para uma bela semana



Homesickness - René Magritte

=====

“Sem dúvida nenhuma - respondeu o Administrador. – Os homens e as mulheres necessitam que se lhes estimulem de tempos em tempos as cápsulas supra-renais.

- O quê? – perguntou o Selvagem, que não compreendera.

- É uma das condições da saúde perfeita. Foi por esse motivo que tornamos obrigatórios os tratamentos de S.P.V.

-S.P.V?

- Sucedâneo de Paixão Violenta. Regularmente, uma vez por mês, inundamos todo o organismo com adrenalina. É o equivalente fisiológico completo do medo e da cólera. Todos os efeitos tônicos de assassinar Desdêmoda e de ser assassinada por Otelo, sem nenhum dos inconvenientes.

- Mas eu gosto dos inconvenientes.

- Nós, não. Preferimos fazer as coisas confortavelmente.

- Mas eu não quero conforto. Quero Deus, quero a poesia, quero o perigo

autêntico, quero a liberdade, quero a bondade. Quero o pecado.”

Aldous Huxley – Admirável Mundo Novo

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

16/06/2007 // Ética à Cafeteira - ilustrada por outro recém-descoberto rebanho do senador Renan Calheiros



Carta ao Leitor da VEJA deste fim de semana:

"Os processos de apuração de desvios de conduta dos próceres de uma nação precisam resultar em algum aprendizado para a classe política, em benefício da sociedade. Sem esse saldo positivo, o que se tem são casos que geram mais calor do que luz. No caso atual envolvendo Renan Calheiros, presidente do Senado, corre-se o risco de que a exposição de suas perigosas ligações com um lobista de empreiteira e de seus negócios agropecuários obscuros termine sem uma apuração cabal dos fatos como quer o complacente relator do Conselho de Ética do Senado, senador Eptácio Cafeteira.

Os senhores senadores precisam estar cientes do fato de que ao varrerem para debaixo do tapete as suspeitas em torno do senador Calheiros estarão escrevendo um permissivo código de conduta ética para a vida pública brasileira.

Ficamos então combinados que pelo código Cafeteira todo senador ou deputado de agora em diante pode:

- Pagar contas de 100.000 reais usando dinheiro vivo sem declarar os gastos ao imposto de renda.
- Valer-se dos serviços de lobistas de empreiteiras para resolver questões pessoais de foro íntimo e que envolvam dinheiro.
- Apresentar emendas orçamentárias que beneficiem justamente a empreiteira do lobista-amigo-secretário-tesoureiro.
- Usar escritórios de empreiteiras como sua tesouraria pessoal.
- Usar apartamentos de lobistas para encontros amorosos.
- Ter lobistas como fiadores de suas despesas.
- Ter suas campanhas políticas financiadas por empreiteiros com interesses diretos em suas decisões de como gastar o dinheiro do povo.
- Apresentar emendas ao Orçamento que beneficiem empresas de lobista-amigo-secretário-tesoureiro.
- Vender bois com uso de recibos frios.

O filósofo grego Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco* alertou para o fato de que as qualidades morais precisam ser praticadas até se tornarem um hábito. O código Cafeteira é a negação dessa verdade".

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico
